EPISTEMOLOGIA DA SAÚDE: REVENDO CONCEITOS E CONDUTAS

EPISTEMOLOGY HEALTH: REVIEWING CONCEPTS AND CONDUCT

Marie Sassim Rodrigues[1]

Abstract – *Faced with the need to seek a secure foundation for psych diagnostic, the clinical psychology reviews the concepts of Man, health-disease, normal- pathological. Criticizes the positions of psychopathology towards these concepts; explains its limitations and breaks with the conceptual heritage by redefining it. Objective to demonstrate how this conceptual redefinition was operated by clinical psychology, through a methodological review of the bibliographical part in which this redefinition was made. Emphases the phenomenological existentialism as a philosophical foundation necessary to overcome the formal view of psychopathology, by expanding the understanding of man beyond its biopsychological limits, redefining him in a wider and dialectical way as nature-history-existence, for a more dignified and human treatments conditions. Concluded by demonstrating that the solutions, for dealing with human being in health field and for redefining the treatment used, must be found within its natural conditions, respecting its determinations and differences, without including him in external patterns.*

Index Terms – Health-Disease. Normal-Pathological. Existentialism-Phenomenological

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo mostrar como foi feita a redefinição dos conceitos de homem, saúde-doença, normal-patológico pela psicóloga clínica Monique Augras[1]; em sua obra *O Ser da Compreensão*, apontando como deve ser o trato com o ser humano na área da saúde a partir dessa redefinição. A opção pela revisão bibliográfica e pelo recorte teórico da autora Monique Augras e sua obra *O Ser da Compreensão* se deve a importância dessa obra na área da saúde no Brasil pela revolução conceitual que operou e a consequente necessidade de redefinir as condutas com o ser humano a partir de então. A apresentação dessa revisão será feita com a explicação de seu fundamento filosófico, a fenomenologia existencialista, que deu sustentação teórica para a redefinição dos conceitos de homem, saúde-doença, normal-patológico, seguida da ressignificação desses conceitos, concluindo como deve ser o trato com o ser humano na área da saúde a partir dessas redefinições.

A abordagem metodológica da obra se fez por revisão bibliográfica, elucidada com o referencial filosófico que a autora cita, além de outros utilizados para esclarecer suas posições. O material colhido da obra foi analisado criticamente à luz da fenomenologia existencialista que foi o procedimento metodológico utilizado pela autora em sua obra, procurando, assim, seguir a sua linha de raciocínio, mantendo uma coerência com o seu propósito.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: FENOMENOLOGIA EXISTENCIALISTA

Em sua obra, Augras [1]; buscou uma base segura para fundamentar o psicodiagnóstico, superando os limites biopsicológicos da psicopatologia em que os conceitos de homem, saúde-doença, normal-patológico foram confinados. Nessa busca, Monique encontra no existencialismo fenomenológico a base segura para redefinir esses conceitos em uma nova visão que abrange as múltiplas dimensões do homem como natureza-história-existência possibilitando uma abordagem integral de seu ser. Essa redefinição foi necessária, como explica Augras [1]; para propor um embasamento seguro para a atuação do psicólogo que se especializou na área do psicodiagnóstico.

> [...] já que a ação de estabelecer o diagnóstico, isto é, 'identificar e explicitar o modo de existência do sujeito, no seu relacionamento com o ambiente, em determinado momento', não implica necessariamente qualquer espécie de intervenção, nem encaminhamento obrigatório para algum tipo de tratamento.

Desse modo, a psicologia clínica precisou sair dos limites da psicopatologia, pois "a filiação psicopatológica e a influência psicanalítica propõem ao psicólogo clínico uma linguagem toda eivada de implicações patológicas".[1]; para tanto, a psicologia clínica precisou de um fundamento teórico que desse sustentação para a redefinição dos conceitos de homem, saúde-doença, normal-patológico, dentro de uma outra perspectiva que tratasse a existência não como doença, mas como um modo de ser do homem, como manifestação da sua condição, que pode ser revista e alterada.

É com essa perspectiva que Augras [1]; encontra na fenomenologia, (do grego *phainesthai,* aquilo que se apresenta ou que se mostra, e logos, razão, explicação, estudo), o método para investigar a existência sem predeterminações, como aquilo que aparece que se manifesta que se apresenta, e no existencialismo (corrente filosófica que afirma que a existência precede a essência), o fundamento filosófico necessário para abordar a existência como produção humana e não como condição a priori, ou seja, aquilo que o ser é, determinado no decurso de sua

[1] Marie Sassim Rodrigues – Socióloga, Professora Universitária, Professora de Educação Especial, Doutoranda em Saúde Pública pela Universidad de Ciências Empresariales y Sociales –UCES-Buenos Aires – Argentina. (Tese sobre Prevenção de acidentalidade viária com motociclistas). marie.sassim@hotmail.com

DOI 10.14684/WCCA.8.2015.210-212
© 2015 COPEC

própria existência, e não antes, como uma essência pré-existente.

Assim, a fenomenologia existencialista fornece para a psicologia clínica as bases filosóficas necessárias para a compreensão do homem como um ser que se autodetermina, que se faz à medida que faz, ou seja, é o seu fazer que o determina e é esse fazer que deve ser estudado como fenômeno, é a existência que se manifesta que deve ser objeto de investigação.

Trazendo essa compreensão para a psicologia clínica, estabelece-se que os fenômenos humanos devem ser tratados como se apresentam, pois "o mundo fenomenológico não é o mundo do ser puro", mas da manifestação do ser, bem como para o existencialismo, o ser é aquilo que ele faz e não o que o determina ou o que ele gostaria de ser. Desse modo, a fenomenologia coloca o ser como pura facticidade, como fenômeno diante do qual o sujeito do conhecimento vai observar e descrever aquilo que se manifesta que aparece que se oferece à consciência.

Portanto, para a fenomenologia todos os objetos são objetos da consciência e a consciência é sempre consciência de alguma coisa, sendo sempre intencional. [1].

Partindo desse pressuposto, Monique Augras redefine os conceitos de homem, saúde-doença, normal-patológico como manifestações intencionais da consciência, libertando-os do caráter patológico da psicopatologia e fornecendo ao psicólogo clínico as bases seguras para o psicodiagnóstico. [1].

REVISANDO CONCEITOS

Monique Augras [1]; repensou conceitos estruturantes para a psicologia clínica e lançou novas compreensões que revitalizaram a área da saúde e que hoje levam a uma nova no trato com o ser humano. A autora buscou superar os limites do pensamento anterior para poder avançar, pois a realidade não cabia mais nas antigas estruturas e não adiantava fazer novos arranjos, era preciso criar o novo, reestruturar todos os conceitos fundamentais para psicodiagnosticar dentro de uma nova estrutura que não a psicopatologia. Então, era preciso reconceituar o sujeito a ser diagnosticado e as categorias que constituiriam esse diagnóstico. E para tanto, foi preciso perguntar novamente: quem é o homem? O que é saúde? O que é doença? O que é ser normal? O que é ser patológico? E lógico, era preciso ter novas bases para responder a essas questões. E como já vimos, Augras [1]; se fundamentou no existencialismo fenomenológico para sair do território da psicopatologia.

Como herdeira da ciência moderna e mais especificamente da psicanálise, a psicopatologia foi norteada por um conceito de homem como um dualismo psicofísico, determinado biologicamente pela sua natureza e psiquicamente pela sua história. Com essa concepção de homem vieram as concepções de saúde-doença, normal-patológico, dentro da mesma determinação. Assim, a saúde era compreendida como o completo bem estar biopsicológicos e a doença como o desvio desse bem estar, como um mal estar, um padecimento (pathos) que podia ser biológico ou psicológico, determinando o estado de doença como uma alteração do estado de bem estar biopsicológicos.

Seguindo essa mesma determinação, o conceito de normal era estabelecido como aquele que se enquadra na norma, que segue o padrão biopsicológicos considerado como normal e o conceito de patológico era determinado como aquele que sai do padrão de normalidade estabelecido, ou seja, aquele que é diferente da norma, que não se enquadra nela.

Desse modo, todas as pessoas que portassem qualquer natureza ou condição que não se enquadrasse na norma estabelecida, eram consideradas anormais ou patológicas e, consequentemente doentes, pois ser normal é ser saudável, é ter saúde, e ser patológico é ser anormal, é ser doente. [1].

Esses conceitos estigmatizaram muitas naturezas e condutas diferentes como patológicas, anormais e dificultaram os tratamentos, pois conduziam à compreensão de que eram doenças, patologias e não tinham cura. Contudo, Augras conseguiu avançar e revolucionou os antigos padrões conduzindo à uma nova compreensão e orientação para com o trato das diferenças e dos diferentes. Como ficam esses antigos conceitos dentro da nova significação operada por Monique Augras.?

Começando pelo conceito de homem, Augras [1] explicita que:

> O homem, gênero ou indivíduo, apresenta-se sob um triplo aspecto: representando determinada série animal, ele é natureza; como autor e suporte de um processo constante de manejamento da natureza e dele próprio, ele é história; abrangendo a natureza e a história, é existência.

Tal compreensão supera a antiga concepção da psicopatologia que se limitava aos aspectos naturais e históricos do homem, pois amplia a abrangência da condição humana para além desses aspectos, acrescendo o dado existencial, ou seja, o homem é aqui compreendido como um ser que passa por etapas em sua formação e desenvolvimento que vão da sua natureza animal, à sua condição social e à sua existência inteligível, ou seja, o homem é um ser *animal, socius, sapiens,* sendo essa última condição a que conduz a especificidade da sua existência, pois é por meio dela que o homem atribui significado à sua natureza e à sua história, constituindo assim, sua existência. O homem é fruto da consciência que ele tem dele mesmo e do mundo a sua volta, e é essa consciência que determina o que ele faz com a sua natureza constituindo a sua história. [3] [5] [6].

Essa nova compreensão do homem, fundada no existencialismo fenomenológico, conduz a novas compreensões do que vem a ser saúde-doença, normal-patológico, dando um salto qualitativo no modo de ver o homem e suas complexidades. A saúde então é concebida não mais como um estado, mas como um processo, no qual o organismo vai se atualizando conjuntamente com o mundo, transformando-o e atribuindo-lhe significado à medida que ele próprio se transforma. [1].

Esta compreensão de saúde coloca o homem na condição de artífice de si mesmo como concebe o existencialismo na expressão de um de seus maiores expoentes: A liberdade é o fundamento de todos os valores. O homem é aquilo que ele faz de si mesmo. [10].

Assim, o homem constrói sua própria saúde a partir das escolhas que faz e esse fazer depende de sua consciência, da consciência que ele tem dele mesmo e do mundo.

Ser saudável, portanto, significa enfrentar os desafios de sua existência, criando as estruturas internas para dar conta desses desafios, mantendo-se assim, equilibrado. Desse modo, a saúde não é apenas um processo orgânico, biológico, mas, do organismo como um todo, do ser biopsicossocial, envolvendo o indivíduo e o seu meio, onde esse organismo está inserido e onde ele é desafiado a atualizar-se constantemente e é essa atualização que o mantém equilibrado, fazendo-o avançar sempre a cada novo desafio, superando os estados anteriores para alcançar um novo estado necessário para manter-se equilibrado. Caso o organismo não se atualize, renovando suas estruturas para dar conta dos novos desafios, ele se desequilibra e é esse desequilíbrio que é considerado como doença na compreensão da autora.

Contudo, equilíbrio e desequilíbrio fazem parte do processo dialético da existência humana, pois o homem não é um ser perfeito, acabado, pronto, mas um processo constante de elaboração que ele faz de si próprio. Assim, equilíbrio e desequilíbrio, ordem e desordem fazem parte do processo da existência num devir constante no qual o homem se faz permanentemente e, nesse fazer, ele se faz saudável, equilibrando-se ao enfrentar os desafios de sua existência, e se faz doente, desequilibrando-se ao não enfrentar esses desafios, obscurecendo a sua existência.

No contexto dessas compreensões de homem, saúde-doença, os conceitos de normal e patológico ganham novos significados, sendo normal aquele que respeita a sua natureza, enfrentando os seus desafios, mantendo-se equilibrado e saudável; e patológico, aquele que fere a sua natureza, não enfrentando os seus desafios, desequilibrando-se e adoecendo. Cada indivíduo, cada organismo tem sua própria norma segundo sua natureza e respeitar essa natureza e sua norma é manter-se normal, dentro de sua própria condição. E o contrário, não respeitar sua natureza, contrariando sua norma interna, intrínseca à sua condição, é tornar-se patológico, ferindo a si mesmo.

CONCLUSÃO

A redefinição conceitual operada por Augras inaugura um novo olhar sobre o ser humano e seus processos de saúde-doença, normalidade–patologia, pois ao redefinir esses conceitos, abre caminho para um novo trato com o ser humano em sua condição natural, qualquer que seja ela.

Esse novo olhar sinaliza novas formas de se lidar com esses processos de saúde-doença, normal-patológico, como expressões do equilíbrio-desequilíbrio do homem diante dos desafios de sua existência, que se constituem internamente e que devem ser tratados dentro da situação e condição em que cada ser se encontra, respeitando sua natureza e diferenças, e não mais as tratando como patologias, como doença, e sim como especificidades de uma condição natural distinta, que tem sua própria norma e que deve ser respeitada e tratada dentro da sua condição, sem se adotar como referência uma condição externa a ele, para enquadrá-lo.

Por esse novo olhar, uma pessoa que apresente, por exemplo, síndrome de Down ou autismo ou qualquer outra condição natural do ser, não deve mais ser olhada e tratada como patologia, mas como uma natureza específica que deve ser olhada e tratada dentro da sua especificidade, atendendo as suas necessidades para que ela possa se desenvolver dentro da sua condição natural.

Hoje, portanto, é imprescindível rever posturas no trato com o ser humano na área da saúde para não cometer nenhum desatino com a natureza e a condição existencial das pessoas. Contudo, essas posturas desatualizadas continuam, pois ainda que teoricamente os antigos conceitos da psicopatologia estejam superados, transformar a prática leva tempo e requer um trabalho árduo de reeducação, já que uma mudança de atitude requer uma mudança de consciência e isso não é tarefa fácil, pois implica não só em um trabalho de revisão conceitual, mas de vontade e decisão de mudar e isso ninguém pode fazer por ninguém.

Não obstante, a superação conceitual da psicopatologia está estabelecida e o desafio agora é operar com os novos conceitos evitando a reprodução dos antigos que enquadram e rotulam os que são diferentes pela incapacidade de compreender sua condição.

REFERÊNCIAS

[1]AUGRAS, Monique Rose-Aimée. *O ser da compreensão:* fenomenologia da situação em psicodiagnóstico. 10.ed.Petrópoles, RJ.: Vozes, 2008.

[2] CABALLERO, Alexandre. *A filosofia através dos textos.* 3.ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

[3] COTRIM, Gilbeto. *Fundamentos da filosofia:* história e grandes temas. 16. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2006.

[4] HEIDEGGER, Martim. *Conferências e escritos filosóficos.* 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

[5] HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas*: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os Pensadores).

[6] JAPIASSU, Hilton Ferreira. ***Introdução ao pensamento* epistemológico**. 2.. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

[7] MERLEAU-PONTY, Maurice. *Textos selecionados*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

[8] NUNES, Benedito. *A filosofia contemporânea*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

[9] _____. *Heidegger e ser e tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

[10] SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).